

**Indígenas na província de santa catarina: um caso de polícia**

Zâmbia Osório

[zambiaos@yahoo.com.br](mailto:zambiaos@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** A discussão sobre a questão indígena está em foco nos últimos anos, e nesse cenário, diferentes discursos sobre o índio, seu papel na sociedade, representações sobre o que entendemos por índio no Brasil, são evidenciadas, e essas representações têm em sua construção disputas e interesses que se alteram conforme as questões de cada momento histórico. Este artigo se propõe a discutir qual era a representação de índio construída durante o Brasil monárquico, a partir dos confrontos relacionados à terra, para perceber as mudanças e permanências nas representações atuais e a política indigenista empregada na província de Santa Catarina, através da análise dos ofícios de delegados de polícia.

**Palavras-chave:** Indígenas; Representação; Política indigenista.

**Abstract:** The discussion on indigenous question are in focus in recent years, and in this scenario, different discourses on the Indian's role in society, representations of what we mean by Indian in Brazil, are observed, and these representations have in its construction disputes and interests that change as the issues of each historical moment. This article aims to discuss the representation which was built during the Indian monarchical Brazil, from confrontations related to the land, to understand the changes and continuities in indigenous politics and current representations employed in the province of Santa Catarina, by analyzing crafts delegates from police.

**Keywords:** Indigenous; Representation; Indigenous policy.

Em tempos onde os noticiários falam constantemente em invasões indígenas e conflitos como no caso da população Guarani – Kayowá, habitantes da Reserva Indígena de Dourados, cidade do estado de Mato Grosso do Sul que possui a segunda maior população indígena do Brasil, onde as condições de vida apresentam um desafio. São índios adultos, recrutados por “gatos” e transportados em caminhões para serem explorados em jornadas brutais de trabalho e a aldeia, muito próxima à cidade, que é cortada por uma rodovia utilizada imprudentemente pela sociedade não índia. A área indígena sofre com o



superpovoamento e seu território está limitado pelas áreas urbana e a rural. Os conflitos são constantes entre os indígenas, posseiros e ervateiro da região<sup>1</sup>.

Vemos também a expulsão dos índios de diversas etnias, da Aldeia Maracanã, que funcionava no antigo prédio do Museu do Índio – ocupado desde 2006 pelos indígenas – em março deste ano e a indefinição quanto novo local de habitação.

Ainda a construção da usina de Belo Monte, na Bacia do Xingu, que gera polêmicas há mais de 20 anos, com idas e vindas nas obras de construção e a constante afirmação de movimentos sociais e lideranças indígenas da região de que os impactos socioambientais não estão suficientemente dimensionados<sup>2</sup>, resultando em disputas judiciais e ocupações<sup>3</sup>.

E as disputas na demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, cujo processo oficial de reconhecimento dessa terra indígena se arrasta há décadas, com confrontos e mortes de índios e não-índios. Após estudos sucessivos, a área foi formalmente identificada pela Fundação Nacional do Índio em 1993, com a publicação no Diário Oficial da União do seu memorial descritivo com as coordenadas geográficas do perímetro proposto para demarcação, que privilegiou limites naturais. Nos anos seguintes até a sua homologação, em abril de 2005, fortes pressões políticas retardaram o processo administrativo e promoveram a invasão de arroteiros, a criação de mais um município dentro da área e a divisão entre lideranças e comunidades indígenas locais<sup>4</sup>.

Essas disputas têm como questão central o direito sobre terra, e a busca por legitimação da sua posse. Esses elementos fundamentam os discursos e representações que circulam na grande mídia, e conseqüentemente na sociedade, sobre os indígenas, como explicam Viana e Limberti:

Muitos brasileiros ainda hoje têm uma visão distorcida sobre quem realmente são os povos indígenas habitantes do território brasileiro. O preconceito é patente, deixando claro o total desconhecimento sobre quem

<sup>1</sup> LIMBERTI, Rita de Cássia Aparecida Pacheco. O índio guarani-kaiowá da reserva indígena de dourados, mato grosso do sul, Brasil: um olhar semiótico. In: Polifonia, n. 18, 2009.

<sup>2</sup> Especialistas questionam estudos e viabilidade da Hidrelétrica de Belo Monte. Disponível em <http://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2972>. Acessado dia 13 de maio de 2013.

<sup>3</sup> 140 indígenas da etnia munduruku ocupam o canteiro belo monte. Disponível em <http://www.jovensindigenas.org.br/140-indigenas-da-etnia-munduruku-ocupam-o-canteiro-belo-monte>. Acessado 30 de maio de 2013.

<sup>4</sup> A disputa pela Raposa Serra do Sol. <http://www.estadao.com.br/especiais/a-disputa-pela-raposa-serra-do-sol.17895.htm>. Acessado dia 30 de maio de 2013.



são os indígenas. Há quem pense que os povos indígenas estão errados ao exigirem seus direitos e há, ainda, aqueles que os consideram como “povos atrasados”<sup>5</sup>.

Ainda sobre as representações construídas acerca do índio trazem que:

No caso da sociedade brasileira, é possível perceber que a imagem do índio, construída por parte dos não-índios, em muitos casos, não condiz com a realidade. E, como Bueno (2006) afirma, constroem-se simulacros negativos. O índio é representado como um ser preguiçoso, incapaz ou violento<sup>6</sup>.

O que esta pesquisa busca, através da análise dos “Ofícios dos Delegados e Subdelegados de Polícia ao Presidente da Província de Santa Catarina”, é não apenas identificar qual era o olhar das instâncias policiais em relação aos indígenas, mas também por parte da sociedade da Província de Santa Catarina através dos conflitos e embates com as populações indígenas. Buscando compreender a representação pública e compartilhada do indígena neste período, realizando uma leitura dos ofícios enquanto discursos.

Partindo do princípio que o estudo das representações busca a compreensão das sociedades históricas a partir da análise dos seus discursos, das suas ideias, imagens, versões, comportamentos e práticas que integram a complexa e dinâmica investigação cultural. Ao desnudar essas produções simbólicas podemos entender um período, uma temporalidade<sup>7</sup>. Assim sendo, pretende-se com a análise dos discursos presentes nos ofícios captar e identificar qual a forma da política indigenista aplicada no estado de Santa Catarina em decorrência da Lei de Terras.

A presença dos Xokleng e Kaingáng nos campos e nas florestas que cobriam as serras era confirmada pelos ataques que faziam aos tropeiros. A fundação da Vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, por ordem do Morgado de Mateus, governador de São Paulo, tinha como objetivo, entre outros, afugentar os índios da região, mas nas falas dos documentos oficiais a presença indígena é desconsiderada. Podemos tomar como ilustrativo as falas dos

<sup>5</sup> VIANA, Olinda Siqueira Correa, LIMBERTI, Rita de Cássia Aparecida Pacheco. “Índios no Brasil: quem são eles?” – um estudo sobre o preconceito contra o indígena a partir de depoimentos em vídeo. Disponível em <<http://www.ufvjm.edu.br/site/moebius/files/2011/04/Olinda-e-Rita-de-C%C3%A1ssia.pdf>> Acessado dia 29 de maio de 2013.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1999.



presidentes de província que ao falar sobre o projeto de colonização dizem ser necessário ocupar os sertões do estado e preencher os vazios demográficos<sup>8</sup>, ou seja, em seu discurso está a ideia que não há população nessas regiões, e em certa medida isso é real, se considerarmos que o indígena alcançou o status de indivíduo autônomo e de cidadão pleno na sociedade brasileira apenas com a Constituição de 1988<sup>9</sup>, que assegurou aos povos indígenas o respeito à sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e reconheceu o direito originário sobre as terras que tradicionalmente ocupam.

O estado de Santa Catarina no período da colonização era habitado, e ainda é, por povos indígenas de três etnias reconhecidas, Xokleng, Kaingáng e Guarani que, citando Peres:

(...) por aqui perambulavam e retiravam aquilo que necessitavam para sua sobrevivência. O termo "perambulavam" é utilizado pelo fato dos indígenas de Santa Catarina serem caçadores-coletores, movendo-se sazonalmente, de acordo com as estações.<sup>10</sup>

As maiores concessões de terras para colonização começaram a ser feitas em 1850<sup>11</sup>, tendo um conseqüente aumento da ocorrência de enfrentamentos entre indígenas e colonos a partir desse período, logo o recorte temporal desta pesquisa é de 1850, tendo como marco a Lei de Terras até o ano de 1870, considerando o tempo de pesquisa e a quantidade de massa documental, entendendo que um período de 20 anos de interações entre as comunidades indígenas e a sociedade não-índia é válido para a compreensão das práticas e discursos adotados.

Cabe aqui citar que os indígenas em Santa Catarina já tinham experiência de contato, pois a “Ilha de Santa Catarina” foi, durante o século XVI, um importante ponto de referência

---

<sup>8</sup> FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina. FROTSCHER, Méri. *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

<sup>9</sup> LISBOA, João Francisco Kleba. Índios e o estado brasileiro: entre a tradição e a invenção. Disponível em <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/33483-43196-1-PB.pdf>. Acessado dia 30 de maio de 2013.

<sup>10</sup> PERES, Jackson Aleksandro. Os indígenas no século XIX: a selvageria nos (dos) discursos oficiais (1850-1880). In: *Ágora*, v. 20, n. 41, 2005.p.41.

<sup>11</sup> NORZOW, Ana Lúcia Vulfe, SOUZA, Andreia Mendes de. Encontros e Desencontros: colonos e indígenas no povoamento de Santa Catarina. In: *Ágora*, v. 14, n. 29, 2011.



para os navegantes, que ali paravam para abastecer<sup>12</sup>. O contato com o continente e o interior do estado foi tardio, porém não se inicia com a efetiva colonização no século XIX:

(...) desde meados do século XVIII os indígenas do Estado de Santa Catarina já passavam por experiências de contato e violência; com a abertura da Estrada de Tropas (1728), o surgimento de Lages (1771) com as fazendas de criação que contribuíram para uma primeira desestruturação do território de caça e moradia dos índios que ali viviam<sup>13</sup>.

Em Lages, região com maior número de documentos com referência a questão indígena, o então delegado de Lages, Guilherme Ricken, em ofício para o presidente de província informa que:

Passado que apesar de se achar este Municipio rodeado de immensos Sertões povoados de indigenas de differentes tribus, nenhum aldemaneto delles aqui existe, nem nunca existio, o que se deve attribuir em parte ao desleixo que tem havido até agora em promover a Cathequese destes índios por estes lugares, e também ao modo com que os moradores até há bem poucos annos procedião contra elles, cassando-os como Animaes, com o interesse de lhes apanhar e captivar os filhos conde resultou que os índios entranhando-se mais pelas mattas dentro, criarão ódio mortal contra a raça branca, o que talvez ainda por muito tempo frustrará qualquer tentativa que se queira fazer para chama-los a Civilização<sup>14</sup>.

Essa atitude de institucionalização de uma política de violência para com os indígenas do estado é corroborada pela fala de José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, quando exercia a função de presidente de província de Santa Catarina no ano de 1835:

Enquanto a cathequesi, conhecida como he a índole feroz das tribos Indigenas que temos no continente da Provincia, pouca ou nenhuma esperança se pode nutrir de redusil-os à civilisação por meio dellas todas as tentativas neste sentido tem sido frustradas, se exceptuar-mos o caso de hum ou outro cahido em nosso poder em menoridade.

<sup>12</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. O Naufrago e o sonho. In: BRANCHER, Ana Lice; AREND, Sílvia Maria Fávero. *História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2004.

<sup>13</sup> NORZOW, Op. cit., 2011.p.29.

<sup>14</sup> Do Del. De Lages Guilherme Ricken ao Pres. da Prov. João José Coutinho descrevendo Coroados e Botocudos. In: SCHEIBE, Fernando. *Edição de fontes – repertório sobre índios: officios dos Delegados e Subdelegados de Polícia para o Presidente da Província (1842/1892)*. Florianópolis: 1996.



(...)

Mais que tudo pois he contra estes acontecimentos, que se necessita tomar medidas; e a que se tem apresentado como de alguma efficacia he o estabelecimento de Pedestres, que não só seão encarregados de repelli-los, mas também de sahir de quando em quando a correr os Sertões assim os afugentar. Esta ideia, que ha mais tempo foi sugerida no Conselho Administrativo, produzio hum plano, que deve ser presente a Assembleia entre os papeis do Conselho Geral a quem o remeti. Quando a Assembleia julgue conveniente adapta-lo poderá incluir no orçamento a despeza respectiva: por hora eu me limito a propor entre as eventuaes hua quantia para as que ocorrão fazer-se com alguns dos ditos indigenas, que de qualquer modo possão vir ao nosso poder.<sup>15</sup>

Nos documentos oficiais ocorre à omissão dos motivos pelos quais o indígena, assumia uma atitude agressiva, as falas trazem o lado da barbárie dos gentios que “por muitas vezes tem deixando por signaes de seus aparecimentos lagos de sangue e até incêndios de casas”<sup>16</sup> e essas atitudes são apresentadas como forma de legitimar práticas que lhes são anteriores, como podemos ver na fala do delegado de São Francisco do Sul em ofício para o presidente de província Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, em 1866:

Por isso julgará VEx<sup>a</sup> que sempre repetidos esses horrores se há motivo de nos convercer da impossibilidade da defesa sem aggreção, e de ser mister o emprego de outras medidas, uma dellas é o procurar-se os selvagens em seus alojamentos tirar-se-lhes os filhos que se possa agarrar, e outras é a colonisação nesses terrenos ou destacamentos permanente em Barra Velha<sup>17</sup>.

Nas documentações oficiais os colonos são apresentados como as vítimas da ação indígena, que promovem ameaças, assaltos, queimas, saques e destroçam as roças dos moradores, tendo como única solução a retirada ou extermínio dos índios “para que os habitantes daquelle lugar possão viver com mais alguma segurança e tranquillidade”<sup>18</sup>. A

<sup>15</sup> Relatório do presidente da Província de Santa Catarina. 1835. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u900/>. Acessado dia 08 de outubro de 2011.

<sup>16</sup> Do Del. De São Francisco Antonio Vieira de Araujo ao Pres. Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda sobre o destacamento de Guardas, além de algumas considerações sobre a situação daquela região no que diz respeito à presença de índios. In: SCHEIBE, Fernando. *Edição de fontes – repertório sobre índios: officios dos Delegados e Subdelegados de Polícia para o Presidente da Província (1842/1892)*. Florianópolis: 1996. p.64.

<sup>17</sup> *Ibidem*. p.65.

<sup>18</sup> Do Del. De Tijucas Grandes Manoel Teixeira Brazil ao Pre. Francisco Carlos de Araujo Brusque sobre a necessidade de providências que afastem dali os bugres. In: SCHEIBE, Fernando. *Edição de fontes – repertório*



figura do indígena é tratada como elemento externo do sistema nacional vigente, não compondo assim a sociedade brasileira, o que é evidenciado nos termos utilizados, nos documentos, para fazer referência aos índios: Ameaças; bugres, flagello, feroz, errante, desgraça, affeitos, infeliz bugre, bárbaros, muito vadios, desagradável visita, bugres bravos, bugres mansos, animaes brutos, gentios botocudos, bárbaros e selvagens gentios, ordas de gentios bravos, sanguinários inimigos.

As características que lhes são atribuídas, a forma como são percebidos pelas autoridades provinciais nos mostram que os indígenas eram encarados como um empecilho à sociedade, a civilização e ao progresso, haja visto falas como: a maneira brutal por que se portarão esses indômitos Selvagens, cinismo e barbaridades dos indygenas, ferocidade de tão ímpios selvagens, não querem trabalhar, estão em estado primitivo de natureza, ou em estado de civilização ínfimo.

Mas este artigo, longe de vitimizar a figura indígena, busca demonstrar que os índios foram atores políticos importantes de sua história e em meio a política indigenista é possível vislumbrar uma política indígena<sup>19</sup>, com motivações próprias para as alianças, como podemos perceber no ofício do delegado da Villa de Lages para o presidente de província, no ano de 1855, que fala sobre o envio de uma diligência de Coroados – Kaingang – para afugentar Botocudos – Xokleng – que ameaçavam uma fazenda:

(...) e como não tenho armamento de qualidade alguma, e nem era possível reunir gente com a brevidade que era mister lembrei-me de convidar ao Dobre para com sua gente ir afugentar os Botocudos por saber que estes dous tribús são inimigo jurados.

(...)

Depois destas informações me disse o Dobre que estava prompto para esta diligencia se convencionássemos sobre o trato. Em seguida médio-me 4 patações em dinheiro para cada homem de sua gente; o que depois ficou em 3 patações; sendo o pagamento em fazendas, cujo trato conclui com elle; pedeio-me mais huma meia dúzia de facas grandes para fazer lanças, o que lhe mandei dar, de maneira que hontem de tarde seguio com vinte homens e duas mulheres para a fazenda dos Tributos<sup>20</sup>.

*sobre índios*: ofícios dos Delegados e Subdelegados de Polícia para o Presidente da Província (1842/1892). Florianópolis: 1996. p. 52.

<sup>19</sup> CUNHA, Manoeala Carneiro da. Introdução a uma história indígena. In: CUNHA, Manoeala Carneiro da. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 9-24.

<sup>20</sup> Do Del. De Lages Guilherme Ricken ao Pres. João José Coutinho sobre o envio de uma diligência de Coroados para afugentar Botocudos que ameaçavam a Fazenda dos Tributos. In: SCHEIBE, Fernando. *Edição*



Dobre era o cacique de um grupo de indígenas Kaingang que chegara a Villa de Lages a pouco menos de um mês e ali se instalaram, vindos do aldeamento de Vacaria que em troca de alguns benefícios aceitou a tarefa proposta pelo delegado Guilherme Ricken.

A política indigenista, na prática, era uma política de dizimação da população, as formas de integração como aldeamentos eram pouco comuns no estado e os que haviam eram constantemente atacados por incursões de colonos sem que houvesse medidas punitivas para estes, a possibilidade de integrar o índio, de alguma forma, à sociedade era através da sua escravização ou jornadas forçadas de trabalho, são comuns falas como:

Não se ocupam de trabalho algum e sua vida consiste em comer e dormir, a poligamia existe entre elles, e nenhuma ma Idea religiosa apparece entre elles. Enfim são animaes brutos, que a não serem sujeitados e obrigados a trabalhar, em breve causarão desgraças infalíveis<sup>21</sup>.

Os índios, quando estão presentes nos documentos oficiais, aparecem nos ofícios dos delegados de polícia, e nos relatórios de presidente de província estão timidamente no tópico catequese, mas de forma desacreditada e sempre como um esforço sem retorno, se concentram em sua maioria no tópico sobre força publica e no tópico obras públicas quando se discute a criação de fortes, abertura de picadas e ampliação das cadeias, o que nos permite concluir que a política indigenista no estado, ou seja, o índio, era um caso de polícia.

O trabalho com documentos é fundamental no ensino de história para ajudar o aluno a construir a consciência histórica, pois é “por meio da observação das materialidades e da interpretação dos discursos do seu e de outros tempos que o aluno aprende a ampliar sua visão de mundo, tomando consciência que se insere em uma época específica”<sup>22</sup>. O a didática com documentos pode envolver vários momentos diferentes que, associados, possibilitam uma

---

*de fontes – repertório sobre índios*: ofícios dos Delegados e Subdelegados de Polícia para o Presidente da Província (1842/1892). Florianópolis: 1996. p. 26.

<sup>21</sup> Do Del. De Lages Guilherme Ricken ao Pres. João José Coutinho sobre os resultados da diligência dos Coroados, sobre o estado de civilização desses e a necessidade de sujeitá-los ao trabalho. In: SCHEIBE, Fernando. *Edição de fontes – repertório sobre índios*: ofícios dos Delegados e Subdelegados de Polícia para o Presidente da Província (1842/1892). Florianópolis: 1996. p. 28.

<sup>22</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn\\_5a8\\_historia.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf)> Acessado dia 30 de maio de 2013.





apreensão de suas dimensões históricas. O texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental diz:

Os vestígios do passado, quando transformados em documentos históricos, passaram a englobar outras funções, além das suas funções primárias originais, ou seja, ganharam também o papel de fornecer para o estudioso indícios de realidades históricas. relações sociais, modos de vida, mentalidades<sup>23</sup>.

Os temas da terra e da questão indígena, através da proposta desta pesquisa, são abordados como narrativa histórica, adotando assim uma postura metodológica que leva em consideração a intencionalidade do discurso, as mudanças nos ritmos temporais, as rupturas e as continuidades históricas, as semelhanças e as diferenças que se cruzam em várias temporalidades.

## Referências

AZANHA, Gilberto. *A Lei de Terras de 1850 e as terras dos índios*. Disponível em: <[www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/terra.pdf](http://www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/terra.pdf)> Acesso em: 27 de março de 2013.

BALDESSAR, Quinto Davide. . *Os imigrantes no confronto com os donos da terra, os índios*. [s.l.]: s.n., 1991.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina. FROTSCHER, Méri. *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: História de Povos Invisíveis. In: BRANCHER, Ana (org). *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, pp. 73-82.

<sup>23</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn\\_5a8\\_historia.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf). Acessado dia 30 de maio de 2013.



LAZARIM, Katiúscia Maria. *Imagem do silêncio: indígenas na historiografia local catarinense*. 2003. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Cristina Scheibe Wolff.

LIMBERTI, Rita de Cássia Aparecida Pacheco. O índio guarani-kaiowá da reserva indígena de dourados, mato grosso do sul, Brasil: um olhar semiótico. In: *Polifonia*, n. 18, 2009.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. O Náufrago e o sonho. In: BRANCHER, Ana Lice; AREND, Sílvia Maria Fávero. *História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2004.

NORZOW, Ana Lúcia Vulfe, SOUZA, Andreia Mendes de. Encontros e Desencontros: colonos e indígenas no povoamento de Santa Catarina. In: *Ágora*, v. 14, n. 29, 2011.

OLIVEIRA, J. Pacheco de (org). *Indigenismo e Territorialização*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 1998.

SANTOS, Juliana Darós dos. “*Sociedade de Raças Cruzadas*” (Silvio Romero). Integração, assimilação e mestiçagem entre índios e brancos nos discursos proferidos pelo IHGB e o IHGSC: Uma análise comparativa. 1900-1920. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Cristina Scheibe Wolff.

SCHEIBE, Fernando. *Edição de fontes – repertório sobre índios: ofícios dos Delegados e Subdelegados de Polícia para o Presidente da Província (1842/1892)*. Florianópolis: 1996.

SILVA, Fábio José da. *Medo branco de sombras indígenas: o índio no imaginário dos moradores do Vale do Itajaí*. 2003. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Cristina Scheibe Wolff.

VIANA, Olinda Siqueira Correa, LIMBERTI, Rita de Cássia Aparecida Pacheco. “*Índios no Brasil: quem são eles?*” – um estudo sobre o preconceito contra o indígena a partir de depoimentos em vídeo. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/site/moebius/files/2011/04/Olinda-e-Rita-de-C%C3%A1ssia.pdf>> Acessado dia 29 de maio de 2013.

WITTMANN, Luisa Tombini . *O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.



Indígenas na província de santa catarina: um caso de polícia- Zâmbia Osório

Recebido em 03 de junho de 2013

Aceito para a publicação em 25 de setembro de 2015

